

Eduardo marciano e o difícil processo da influência e desleitura em *O Encontro Marcado* de Fernando Sabino

letrônica

Douglas Rodrigues de Sousa¹

Penetra surdamente no reino das palavras,
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície inata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
[...]
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas
sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?
(Carlos Drummond de Andrade)

Introdução

Um jovem e um sonho. Ser escritor e escrever um romance.

Desde a tenra idade, o personagem Eduardo Marciano percebeu que tinha afeições e jeito para a escrita. Ensaava suas afeições escriptocêntricas escrevendo contos policiais e mostrando ao professor de português. Este o animava com exclamações do tipo: “Você tem jeito para redação”. (SABINO, 2009, p.29).

Sabido, pois, de suas inclinações e desejos para a cultura escriptocêntrica, querendo esta como uma proposta de vida, que a sua significava em ser e se tornar um escritor. E para tal, Eduardo Marciano teria que trilhar um longo caminho, para “entrar na ordem arriscada do discurso” (FOUCAULT, 2007, p.7), do discurso literário e firmar seu nome como escritor.

Lançando-se ao perigoso e gigantesco campo literário, o personagem de Sabino, viu-se pequeno diante de grandes nomes e obras da literatura nacional e mundial. E para vencer ou igualar-se a estes nomes, para realizar a possibilidade de escrita de seu romance e tornar-se escritor, este teria que cumprir um enorme e árduo caminho literário para sua preparação e formação até escrever seu romance, até concretizar seu sonho.

¹ Mestrando em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Piauí - UFPI

Tomando, pois, a consciência, e objetivando as dores e delícias do ofício de escrever, do ser escritor, Eduardo Marciano, incorreria sobre a difícil missão de não *Ler*, mas de *Desler* todos os que vieram antes e se consagraram enquanto grandes nomes e instâncias da literatura. Este precisaria matar e superar muitos escritores e suas obras, para enfim, adentrar-se minimamente, consagrado, no campo literário.

O personagem principal do livro de Fernando Sabino, narrado em terceira pessoa, com um narrador onisciente que participa e está cômico de todo o desenrolar do enredo, funcionando mesmo, como uma consciência do autor, demonstra no desenrolar da trama que Eduardo percebeu que:

A tradição literária começa quando um autor novo é simultaneamente ciente não só de sua própria luta contra as formas e a presença de um precursor, mas é compelido também a um sentido do lugar do Precursor em relação ao que veio antes *dele*. (BLOOM, 1995, p. 43).

Este lugar do precursor de que fala Bloom, é o objetivo que deve ser buscado por todo novo escritor, por todos aqueles que se lançam ou escolhem o destino da produção literária como proposta para suas vidas. Existindo nesse jogo do campo da produção literária escritores fortes e outros fracos, que se duelam no incrível reino das palavras. Homens e mulheres que fazendo parte de todo um panorama da tradição literária vão lutar contra a angústia da influência e desenvolverem o profundo processo, não da leitura, mas da desleitura de seus precursores, dos poetas fortes que os antecederam. Já que “o valor estético é por definição engendrado por uma interação entre artistas, um influenciamento que é sempre uma interpretação” (BLOOM, 2002, p.31). E nesse duelo de palavras e leituras, influências e interpretações é preciso matar, como sugere Bloom, seus precursores, e corrigir aquilo que ficou por desejar nas obras lidas e que os influenciaram, é preciso beber nas fontes com e nos grandes para lançar-se como grande.

Com efeito, nas próximas linhas que se seguirão apresentaremos as teorias de Harold Bloom, especificamente dos livros *A angústia da influência* (2002) e *Um mapa da desleitura* (1995) como fundamentos principais e de base para a formação de qualquer escritor e do entendimento acerca do texto literário. Estas teorias voltadas e analisadas a partir do texto de Fernando Sabino em seu livro *O encontro marcado*, tendo sua primeira edição lançada em 1956, que narra a saga de um personagem que luta obstinadamente pela construção e realização de um sonho: ser escritor e escrever um romance.

E perseguindo seu objetivo, como veremos ao longo da trama de Sabino, que o personagem terá que se instrumentalizar dos elementos necessários para a formação do escritor e logo para a escrita de seu romance, o personagem terá que realizar o difícil processo, segundo Bloom, de apropriar-se para depois desapropriar-se das obras literárias de seus precursores, este terá que sofrer a difícil angústia da influência, e realizar uma *além-leitura* dos que o antecederam, sim uma desleitura dos fortes.

Para a realização do seu sonho, o personagem Eduardo Marciano, deparar-se-á com a constante e poética pergunta: Trouxeste a chave?

1 Para começo de desleitura: nenhum texto nasce isolado

“Na literatura, como na natureza, nada se cria e nada se perde: tudo se transforma”.

(Fernando Sabino)

Não somente Eduardo Marciano, mas o próprio Fernando Sabino, tinha dimensões do quão ampla e árdua era a missão do querer tornar-se um escritor, do caminho que devia percorrer por todo legado humano da produção literária escrita, sobretudo, da produção dos fortes², daqueles que deixaram textos e escritos que não pereceram ao simples toque e primeira análise da crítica. Daqueles que se perpetuaram no campo da produção literária, e realizaram o sonho da imortalidade por meio dos seus escritos, pois segundo Bloom (1995) os poemas são recusas da mortalidade, e conseqüentemente aqueles que buscam escrever poemas fortes, buscam na verdade, a sua imortalidade.

Porém, participar do convívio dos eleitos, tornar-se um autor canônico e sentar-se a mesa dos grandes deuses, não ficou para todos aqueles que se propuseram a ensaiar escritos e apresentá-los como de cunho literário visando um reconhecimento e um grande público, visando talvez essa dita imortalidade por meio da literatura.

É preciso antes percorrer um itinerário já trilhado e aberto por outros e que não a como desviar-se, é preciso aprofundar-se no campo de toda uma heterogeneidade literária para só depois conseguir-se produzir um texto com as mínimas condições de um texto literário, para assumir-se enquanto escritor. Pois toda produção artística humana, vêm de pressupostos e bases que primeiro lançadas serviram e servem de modelos a outras, abrem uma discursividade e complexidade artística.

² A ideia de “*escritor forte*” é aqui levantada de acordo com os conceitos de Bloom, quando este diz que um escritor forte, no sentido da sua influência, conseqüentemente influenciará outros.

Nessa teia de relações artísticas, Todorov (2008, p.220) posiciona-se afirmando que: “Cada obra de arte entra em relações complexas com as obras do passado que formam, segundo as épocas, diferentes hierarquias”. E Sabino entendia bem disso, tanto que investia em sua formação para tal desígnio que escolhera e almejava para si. No livro *Cartas a um jovem escritor e suas respostas* (ANDRADE; SABINO 2003, ed. Record) encontramos diversas correspondências trocadas entre Fernando Sabino, na época bem jovem e neófito no campo literário e Mário de Andrade, mais velho e bem mais experiente quanto às produções literárias.

No livro podemos perceber os anseios e dúvidas do jovem Sabino, com sua ânsia de aprender e querer tornar-se um escritor. Bom ouvinte e bom discípulo, pelas missivas remetidas a Andrade, podemos perceber que Sabino ouvia com bom grado e tomava como de grandes referências as orientações dadas pelo escritor mais forte.

Logo nas epístolas, que versavam sobre as diversas produções e técnicas do fazer literário, das dores e delícias do ofício de escritor, nos deparamos com trechos que nos abre toda uma polifonia de discussão acerca do *Eu* com o *Outro* para a formação do texto literário.

Assumindo o papel de orientador literário de Sabino, uma espécie de grande oráculo de consulta, Mário de Andrade lhe faz constantes sugestões, de como se aprofundar no mundo da literatura e chegar ao patamar de grandes produções, para isso, ele aponta um caminho ao jovem Sabino, dizendo-lhe:

Você precisa de uma cultura literária geral, que não deve ser feita duma só vez, mas dentro de um programa que pode durar ponhamos seis anos. Há certas coisas que a gente carece conhecer e gostar. Gostar de, faz parte da dignidade do indivíduo. (ANDRADE, 2003, p.51)

São claras as colocações e sugestões de Mário de Andrade a Fernando Sabino, quando este lhe aponta uma devida característica que deve assumir para si, como mesmo um programa a ser seguido para a sua formação de escritor.

Dentro deste programa estava, é claro, a leitura dos grandes escritores, dos que se estabeleceram como os fortes na literatura, seja esta na brasileira ou na mundial, e diversas são as indicações de leitura feitas por Mário de Andrade a seu discípulo epistolar.

E, já falei, creio, você precisa muito de ler Machado de Assis, **mas ler com reler, roubando ele, plagiando ele**, não no estilo nem no espírito mas na delicadeza de sentimento. Machado de Assis não deve ser pra você um companheiro de vida, **mas apenas um tesouro onde vai roubar. Roube dele tudo quanto possa ser útil a você, jogando o resto fora**. Mas sempre

não esquecendo que você pode roubar errado. O problema é delicadíssimo. (ANDRADE, 2003, p.52) (grifos postos).

As sugestões acima, remetidas em carta na data de 21 de março de 1942, feitas por Mário de Andrade a Fernando Sabino, sintetizam as diversas teorias do texto literário, acerca da leitura e desleitura, apropriação e desapropriação de um escritor por outro. Pois no dizer de Bloom, “[...] um poema é a resposta a outro poema, como um poeta é uma resposta a outro poeta, ou uma pessoa uma resposta a seus pais”. (1995, p.30)

Poderíamos ainda dizer que Mário de Andrade apresenta toda uma sugestão de leitura e desleitura das obras literárias para Sabino, a fim de que se torne um grande escritor, sugerindo a este que *desinterprete* grandes nomes da literatura como Machado de Assis, pois nesse afã e nessa arena de confrontos literários pela desleitura dos grandes e “para viver, o poeta deve desinterpretar o pai, por meio do ato crucial da desapropriação, que é a reescritura do pai” (Ibid, idem, p.30).

Pois quando o mestre sugere ao discípulo que este deve não apenas ler, mas roubar o tesouro machadiano, realizando uma clivagem do útil e do inútil, jogando o desnecessário fora. Além de indicações do grande caminho da literatura, apontados por Andrade a ser seguido por Sabino, este ainda realiza um outro processo, que segundo Eagleton (2001), “todas as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescrituras’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedade que os leem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’” (p.17).

No entanto, essas “reescrituras” e “releituras”, propostas por Eagleton (2001), assumirão caráter ainda mais profundo com Bloom, pois para este, não serão apenas suficientes, esta reescritura e releitura. Bloom (2002) propõe então, uma desleitura, mas para que tal processo ocorra o poeta deve realizar uma leitura crítica, uma revisão do seu precursor, corrigindo o que ficou em aberto.

Dessa forma, fica nítido como Mário de Andrade concebe Machado de Assis como um escritor forte, com obras fortes e capazes de realizar o processo da influência sobre aqueles que o leem. Sugerindo-o, pois, como de indispensável leitura a Fernando Sabino, como roubo necessário a este.

As considerações feitas acerca das epístolas trocadas entre Mário de Andrade e Fernando Sabino, aqui ilustradas, nos apresentam, principalmente, os conceitos-chave a respeito das teorias do texto e da produção literária. Entendendo-se que nenhum texto nasce isolado de outros textos, portanto nenhum escritor faz-se sozinho e que “todo poeta é um ser

colhido numa relação dialética (transferência, repetição, erro, comunicação) com outro poeta ou poema” (BLOOM, 2002, p.132).

As obras literárias abrem-se, nos dizeres bakhtinianos, ao dialogismo poético ou ainda se constituem como esse grande mosaico de outros textos, como apontara Kristeva (2005), em que o escritor precisa beber em diversas fontes para ser e se tornar escritor, para constituir-se como um forte na literatura, pois,

[...] as obras literárias revestem-se de um certo significado histórico-cultural, em conexão directa (sic) com a sua capacidade para dialogarem com a História, com a Sociedade e com a Cultura que as envolvem e que enviesadamente as motivam. (REIS, 1999, p.21)

É dessa capacidade e princípio dialógico que enviesam e constituem as obras literárias, segundo Reis (1999), que as permitem transcender a seu tempo, tornarem-se fortes e perpetuarem que as engendrou.

No entanto, essa luta pela imortalidade não se estabelece de forma tão branda ou meramente inspiradora por parte dos poetas e escritores, mas sim de luta, embate e confronto por parte daqueles que querem se tornar escritores e lançarem suas obras como que um caráter de assumidamente fortes. Sendo, pois, que como primeiro passo, como sugere Mário de Andrade, é abrir-se para esse diálogo literário por cima do rastro de todos os grandes nomes da literatura, roubando-lhes tudo quanto possa ser útil, e jogando fora o inútil.

E é exatamente desse roubo, apropriação das grandes obras da literatura e desse constante diálogo literário entre textos e autores que o personagem Eduardo Marciano, adota como proposta de vida a fim de realizar um único sonho, ser escritor, como veremos nas próximas linhas.

2 O personagem Eduardo Marciano e o difícil processo da apropriação e desleitura

Mesmo ainda com as poucas leituras e a pouca idade, Eduardo Marciano, ensaiara os primeiros passos de escritor, “começou a escrever contos policiais, mostrava ao professor. Passara-se os romances policiais: gostava de Malpas, o assassino, que no fim, era o próprio detetive”. (SABINO, 2009, p.29)

Atento para o desejo de ser escritor este vai começar a percorrer um caminho que o possa levar a concretização de tal sonho. “Para tanto era preciso conhecer o léxico. Eduardo resolveu conhecer o léxico. Gramática Expositiva. Escrever certo!” (Ibid, idem, p.30).

Como primeiro impulso para seguir a carreira de escritor, o jovem aprendiz ganha um concurso de conto, deixando admirado pela pouca idade, menos de quinze anos, o diretor da revista para qual disputara o certame. Ganhar o concurso, ver seu conto publicado e usufruir da quantia de cem mil réis, tornou-se pequeno diante do resultado maior o concurso trouxera para Eduardo. Pois para o menino, cujo professor de redação apontara como quem tinha “jeito para escrever”, agora estava consumido pela ideia: “decidiu tornar-se mesmo um escritor” (SABINO, 2009, p.52), e para isso contaria com a ajuda de seu pai.

Como primeira medida o pai encaminhara o filho a um amigo seu. “Mandou que o filho procurasse o Toledo, seu amigo, que era escritor”. A ideia de seu Marciano ao encaminhar Eduardo ao seu amigo Toledo, era de que este o ensinasse as técnicas necessárias para que Eduardo se tornasse um escritor. “Toledo, meu menino está querendo mesmo ser escritor. Vê se ensina umas coisas a ele” (p.52).

Como primeiro contato com Toledo, Eduardo levou consigo os contos que havia escrito inclusive o premiado. Como primeiro parecer, Toledo lançou sua opinião sobre os escritos do jovem escritor: “Não quero dizer nada. Falta conteúdo, falta poesia. Você não lê poesia?” (p.53). Eduardo logo confessara que não.

Foi no ambiente apresentado por seu pai a Toledo, que Eduardo Marciano teve seu primeiro contato com a grande literatura, com a leitura e conhecimento dos clássicos. Espaço onde travaram discussões sobre a literatura e as artes, momento em que Eduardo deparou-se com a certeza de que estava longe de ser um grande escritor e que um longo caminho precisaria percorrer: “Você que ser contista, não é? – e Toledo o reteve, quando se despedia: - Pois então leia isso... E isso... E isso. Emprestou-lhe três livros de contos em francês: Merimée, Flaubert e Maupassant” (p.55).

Após esse primeiro contato com a grande literatura, com aqueles que já trilharam o caminho da desleitura e superaram seus precursores, a exclamação de Eduardo não poderia ser outra frente à comparação com o que ele já havia escrito: “Se isso é que é boa literatura, então meus contos são uma merda” (p.55).

A partir de então o personagem passa a estabelecer um diálogo literário com os grandes nomes da literatura, uma “polifonia literária” como este mesmo dissera. Visando sua formação como escritor, e a futura realização da escrita de seu **romance**. Pois, “a literatura autêntica, grande, depende do tropo, um desvio não só do literal, mas de tropos anteriores” (BLOOM, 2002, p.20).

Uma característica peculiar do romance em tela de Sabino, é que a própria narrativa já traz em si a história da formação desse gênero, pois à medida que o personagem avança seja nas aventuras ou na vontade de se tornar escritor, temos como proposta de escrita, a formação do engendramento do próprio estilo de literatura, ou seja, paralelo ao plano de formação do jovem aprendiz para tornar-se escritor vai se dando também o processo de formação do romance.

Pois, em:

O Encontro Marcado, de 1956, vem exatamente discutir o processo da escrita do livro e os conflitos do escritor no momento de criação da obra de arte. O narrador vai descrevendo o processo de formação do escritor Eduardo Marciano através das descrições e reflexões. (OLIVEIRA, 2009, p 538)

Como aponta Oliveira (2009), vai sendo bordado ao longo de toda essa trajetória literária, o próprio percurso de construção do **romance**, assumindo este como uma segunda ou primeira história junto à de Eduardo, pois diferente de outros gêneros:

O romance, assim, por mérito do tato irônico, é o único gênero que ao narrar uma história, diz simultaneamente também como o faz. Passo a passo, a sutura de sentido que une os fragmentos num todo coeso é ela mesma ingrediente ficcional. A marcha e o procedimento do romance põem deliberadamente a descoberta a própria dinâmica artística como centro da narrativa. (LUKÁCS, 2000, p.222).

Temos, pois, em *O Encontro Marcado*, duas histórias que se formam numa só, a formação de um jovem para se tornar escritor, e o modelo de construção de um romance, ingredientes ficcionais que se somam à trama de Sabino.

2.1 Eduardo Marciano e seu mapa da desleitura

O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.
(Drummond)

Incentivado por Toledo a mergulhar de forma mais estruturada e consciente sobre os grandes nomes da literatura e deparando-se com a sua pequenez literária diante desses grandes escritores, Eduardo mais do que nunca, passara a perceber que o que sentia ou pensava, segundo a epígrafe acima do poeta mineiro, não eram suficientes para conceber seu objeto artístico literário. Este então precisava pensar em valores estéticos.

Com tal intento, o personagem vai investir em toda uma formação humanística para atingir o objetivo: a leitura dos clássicos. Já que este passara a se preocupar “com o fenômeno da criação artística, a consciência profissional, a missão sublime do escritor, o artesanato. Nada de concessões; a arte pura não devia ser conspurcada, a verdadeira mensagem tinha de ser transmitida” (SABINO, 2005, p.68).

Eduardo faz então uma viagem pelos clássicos da literatura nacional e mundial, os autores consagrados, os canônicos. Trilhando esse caminho de leitura, influência e apropriação, Eduardo percorreria os escritores que atingiram o nível de cânones, imprescindíveis à sua formação. O que segundo Bloom (2001) esses autores atingiram um nível de originalidade, poder cognitivo de conhecimento e de uma linguagem figurativa e exuberante.

Estes fatores apontados por Bloom (2001), são os que escritor menor deve visar para si em termos de produção e estética do texto literário, do que o cânone pode lhes oferecer, já que:

A questão é a mortalidade ou imortalidade das obras literárias. Onde se tornaram canônicas, elas sobrevivem a uma imensa luta nas relações sociais, mas essas relações muito pouco têm a ver com lutas de classes. Os valores estéticos emanam da luta entre os textos: no leitor, na linguagem, na sala de aula, nas discussões dentro uma sociedade (BLOOM, 2001, p.44)

Da leitura desses escritores consagrados feita por Eduardo Marciano, podemos ilustrá-la com alguns nomes e influências sofridas por este, nomes daqueles que angustiaram ou serviram como referências ao pequeno aprendiz de escritor na sua luta pela apropriação dos conhecimentos literários, já “que todo poeta está condenado a aprender seus mais profundos anseios através da consciência de outros eus” (Ibid, 2002, p.75).

Desses “eus” que nortearam e embasaram a construção do sonho literário de Eduardo Marciano, que lhe serviram de polifonia literária, abrindo-lhe uma vazão de pensamentos artísticos e poéticos, a ponto do personagem e de seus amigos incorporarem a seus discursos cotidianos outros discursos de escritores, poetas e artistas de renome, como as citações apresentadas abaixo:

“Na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma” (Lavoisier) (p.23)
“Mundo, mundo, vasto mundo!” (Drummond) (p.69)
“É preciso um grande caos interior para parir uma estrela dançarina” (Nietzsche) (p.70).
“Conto é tudo o que chamamos de conto” (Mário de Andrade)(p.66)
“Porque o homem é o brinquedo de Deus” (Platão) (p.253)

“Ignorante del agua, voy buscando/ Una muerte de luz que me consuma” (García Lorca) (p.256) (SABINO, 2009)

Fernando Sabino cria em seu romance, *O Encontro Marcado*, uma grande teia enunciativa de outros discursos incorporados à fala e ao cotidiano de Eduardo Marciano, ao tempo que vai mostrando ao leitor quem fez parte da formação desse personagem para o seu processo de criação literária. Entre outros nomes podemos citar: Gustave Flaubert, Franz Kafka, Baudelaire, Fernando Pessoa, Henry James, Ortega y Gasset, Miguel de Cervantes, Balzac, Vinicius de Moraes, Dostoiévski, Thomas Mann, Valery, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Lord Byron, Rainer Maria Rilke, Scott Fitzgerald, Luigi Pirandello, Kierkegaard etc...

Portanto, ao longo do livro o leitor vai percebendo e percorrendo junto com Eduardo todo o seu programa de leitura, e o seu mapa da desleitura que vai sendo traçado. Todo o afinamento crítico do personagem a criação de sua bagagem cultural e literária, já que na formação de Eduardo, não somente escritores de cunho e de obras literárias são apontados ao longo do livro, bem como: cientistas, filósofos, pintores, cineastas, artistas no geral.

Fazer esse percurso de leituras desses grandes nomes do cânone literário e artístico nacional e mundial era encarado de forma tão séria por Eduardo, que este se propusera, inclusive, a aprender outras línguas para ler no próprio vernáculo, grandes nomes da literatura estrangeira, pois ao despertar-se para a ideia de que ainda não tinha lido Ulysses. Exclamou: “Pois vou começar a estudar inglês. É uma vergonha a gente não ter lido Ulysses” (p.87)

Dessa forma, dessa consciência literária necessária para a formação do escritor e dessa grande colcha literária tecida pelo personagem, em *O Encontro Marcado*, “Fernando Sabino nos faz repensar o processo da escrita, pois leva-nos a refletir sobre a ideia de texto reescrito como um processo natural e contínuo, não como dívida de um escritor em relação a outro”. (OLIVEIRA, 2009, p.546)

Segundo as ideias de Oliveira (2009), textualmente supracitadas, de que não há dívidas de um escritor para com o outro, sim uma troca. É preciso nesse jogo de escolhas textuais, selecionar os úteis dessa literatura, criar um mapa de leituras a serem seguidas pelo aspirante a escritor, para depois realizar a leitura crítica e revisionista, ou a desleitura destes para tornar-se forte. Um revisionismo, segundo Bloom (2002) que concederá ao poeta a imortalidade.

3 Eduardo Marciano e o malogro do seu sonho

“Meu erro foi acreditar que a vida forneceria material para a minha literatura”. (Fernando Sabino)

Muitas foram as aventuras vividas por Eduardo e seus amigos, Hugo e Mauro, muitas foram as experiências do personagem diante da vida, das alegrias e desilusões que esta proporciona.

Eduardo casou-se, descasou-se, abandonou a natação, conseguiu um emprego público, escrevia esporadicamente e sem compromisso quando chamado, alguns artigos para jornal. Deixou de lado as leituras famintas dos clássicos, e abandonou o discurso de que “um dia falava com entusiasmo sobre sua necessidade de publicar imediatamente um livro - iniciar a carreira, formar-se como escritor”. (Sabino, 2009, p.143).

Ao avançar na narrativa, o personagem vai se desviando pelas “aventuras da vida”, e principalmente desviando-se do seu sonho de escrever um romance.

Até então percorrendo os caminhos propostos por Bloom, para se tornar um grande escritor, ou um grande nome na literatura, Eduardo cumprira o papel com a desleitura dos clássicos e da apropriação destes por sua parte, faltou-lhe, por fim, uma escrita revisionista dos fortes, para que ultrapassasse os seus mestres e enfim escrevesse seu romance.

Porém, “esse personagem não conseguiu perceber que o excesso de racionalidade era a maior causa do fracasso do seu livro”. (OLIVEIRA, 2009, p. 540). Assim, o personagem de Sabino malogrou na proposta de escrita de seu romance, e seu mapa da desleitura ficou a concluir. Consciente de seu destino, e onde chegara, rabiscou em poucas linhas, na tentativa de escrita de seu livro: “Não posso responsabilizar ninguém pelo destino que me dei. Como único responsável, só eu posso modificá-lo. E vou modificar”. (SABINO, 2009, p.203)

Por fim, diante da conclusão de que:

a linguagem do homem é difícil, retorcida, suja, atormentada. **Tudo que se escreve é apenas uma paródia do que já está escrito e ninguém é capaz de escrever.** Tudo o que se vê é apenas uma projeção do que não se vê, sua verdadeira natureza e substância. (Ibid, idem, p.341) (Grifos postos)

Eduardo Marciano rendeu-se ao indizível, não concluiu o sonho de escrever seu romance e lançar-se como escritor. Passou adiante seu sonho, assim como Toledo um dia lhe passara o seu, para o filho de seu amigo Misael. Apostando agora no jovem aprendiz que conseguisse escrever e publicar suas ideias, pois para ele: “eu sou um caso perdido, espero que você não cometa o erro que cometi”. (p.343)

O erro de Eduardo pode ter sido o que primeiro Toledo lhe avisara como sendo também o: “Meu erro foi acreditar que a vida poderia fornecer material para minha literatura. Viver escrevendo. Não escrevi o que devia”. (p.54).

E para ter escrito o tal sonhado romance e se consagrado no cânone, Eduardo além de ter feito a desleitura dos seus precursores, ter visado à estética da obra como forma de atingir o cânone, uma certa estranheza, originalidade, poder cognitivo e conhecimento para assim, segundo Bloom (2001), conceber seu objeto estético.

Já que para o personagem, “tudo que se escreve é apenas uma paródia do que já está escrito e ninguém é capaz de escrever” (341), pois que se escreva sim o já escrito, mas como uma proposta revisionista, como um ato de desler o já dito.

Portanto, a linguagem literária se constitui dessa consonância do “eu” com os “outros eus”, desse revisionismo proposto por Bloom, dessa necessária morte do outro pela existência do meu eu. Mesmo que depois seja preciso matar e corrigir o seu precursor, desapropriar-se e desviar-se da angústia da influência, como aponta Bloom.

4 À guisa de possíveis desleitura ou conclusões

O Encontro Marcado de Fernando Sabino aborda as dificuldade, lutas, e a amplitude necessária para a formação de um escritor, dessa cultura literária que é preciso gerar, para se chegar, enfim, a um mínimo texto de caráter literário. De como se atingir o nível dessa linguagem estética, dessa originalidade e conhecimento necessário, propostos por Bloom (2001), para lançar-se no campo literário.

À luz das propostas de Bloom (1995, 2002), partimos para a análise do romance de Sabino, para percorrer o caminho necessário que seu personagem Eduardo Marciano, precisaria travar com os “outros” da literatura para realizar seu sonho de escrever um romance. Para isso, segundo Bloom, este teve de percorrer o caminho da apropriação dos que o antecederam, apropriar-se de seus textos, sofrer a angústia da influência, para depois realizar uma leitura revisionista e criativa desses fortes da literatura, desviar-se do seu precursor, superar os poetas anteriores, e estabelecer-se como forte.

Eduardo Marciano realizaria, então, não o simples ato da leitura, mas da desleitura de seus precursores, já que a influência de acordo com Bloom (1995) resulta de um ato de desapropriação que este denomina como desleitura.

Por isso a necessidade de beber em diversas fontes, relatadas pelo narrador ao longo da trama de Sabino, por isso o percurso traçado por Eduardo Marciano percorrido ao longo do enredo para a realização do seu sonho de escrever um romance.

Faltou ao personagem a chave para adentrar-se ao reino das palavras, ou o desler, desapropriar-se de seus precursores, ultrapassá-los e lançar-se como poeta forte. Ou quem sabe faltou a este analisar menos e escrever mais. “Não analisa não” (SABINO, 2009).

5 Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia poética**. São Paulo: Record, 2000.

ANDRADE, Mário; SABINO, Fernando. **Cartas a um jovem escritor e suas respostas**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Tradução de arcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Um mapa da desleitura**. Tradução de Thelma Médici Nóbrega. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Kristeva, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LUCKÁS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 2000.

OLIVEIRA, Ilca Vieira de. **Fernando Sabino, leitor de Machado de Assis**. Revista Eutomia. Ano II. Nº01. ISSN:1982-6850.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**. Coimbra: Livraria Almedina, 1999.

SABINO, Fernando. **O encontro marcado**. 90. ed. São Paulo: Record, 2009.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In: **Análise estrutural da narrativa**. Roland Barthes [et al]. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

Recebido em: 07/11/2010

Aceito em: 05/10/2011

Contato: douglasmiti@hotmail.com